

As pedras do Caminho


O loteamento das nossas terras feito pelo estado do Pará, “chega de ser” uma pedra que tem no nosso caminho. De qualquer maneira, nós tentamos preservar nossa cultura. Como dizia minha mãe: nós não somos *karaiu* (brancos), nós somos *owã* (índios). Sempre soube que era *Tembé* porque ela falava. Nós somos uma cultura diferente: no modo de falar, no modo de comer, no modo de trabalho, e muito mais. Por isso minha mãe sempre falava na língua *Tembé Tenetehara*; ela falava pouco o português. Eu aprendi a língua do nosso povo em casa, o português eu aprendi na escola. Ou seja, nós éramos obrigados a falar outra língua!

Minha mãe sempre dizia que nós nos misturamos muito com o *karaiu*. As índias casando com não-índio; os índios casando com mulher branca e trazendo para dentro da comunidade. Outros vão morar na cidade. Isso acaba gerando contradição na cultura, já que tem muitos *Tembé* que não falam a língua, só usam o idioma português. Hoje, nós temos mais de 15 anos de luta, correndo atrás desse objetivo, resgatando a cultura, os cânticos, as danças.

Nosso problema também vem da cidade. Com o passar do tempo está ficando difícil para educarmos os nossos jovens!

Antigamente, minha mãe não comia todo tipo de comida. Eu, por exemplo, só comi carne de boi aos 10 ou 12 anos de idade. Nossa alimentação era caça e peixe. Meu pai era negro e minha mãe era indígena, mas eu fui criado sem pai. Minha mãe e eu convivíamos dentro da comunidade, pescávamos e caçávamos bastante. Hoje, eu me sinto feliz, tenho orgulho de dizer que sou indígena e conheço a história do meu povo, sei da onde eu vim! Nós não estamos nos transformando em índio, ocupando o espaço dos outros, não. Nós temos certeza que somos indígenas. Acabou-se e pronto! Porque no lugar que eu nasci, ainda, permaneço.

O correto seria falarmos o tupi-guarani. Essa é a língua que os portugueses encontraram aqui. Hoje, nós estamos tentando resgatar tudo aquilo que foi praticamente deixado pra trás, principalmente a terra, saúde educação. Esperamos que uma dia possamos chegar lá, um dia!



E, hoje, nós resistimos a essa força, a pressão dos não indígenas. Continuamos aqui, ainda sofrendo. O sangue não pode mudar! Dentro das nossas veias corre sangue, esse sangue é dos nossos antepassados, dos nossos pais, nossos avós. É o sangue indígena! É isso que nós temos que mostrar e provar em qualquer canto.

Se alguém me diz: rapaz, tu és cearense? Eu respondo: não, eu sou indígena! Mas, ele insiste: De qual forma? Por que tu andas calçado de sapato? Eu digo: Não, mas eu sou índio! Ele diz: Mas como tu podes me provar que tu és índio? Eu afirmo: é porque eu sei a história do meu povo! Eu falo um pouco da língua Tupi, *Tenetehara!*

Certa vez, um rapaz queria fazer um livro sobre a história da cidade de Santa Maria do Pará. Ele queria saber qual povo fundou o município: do nordeste, do sul, do sudeste ou centro-oeste. Muitos diziam que foram os cearenses. Falava-se que por aqui havia índio, mas todos foram embora para o Amazonas ou morreram, não existiam mais. Foi então que ele veio até o Areal e conversou comigo. Eu disse que minha mãe afirmava que nós éramos índios, mas eu não lembrava o nome do nosso povo. Eu sabia até falar algumas palavras na língua: *zauara*, por exemplo, é cachorro. Foi então que o pesquisador afirmou que éramos *Tembé*. Ele foi à casa da Dona Maria Cassiano e ela contou a mesma história.

Depois disso, fomos à Fundação Nacional do Índio (FUNAI), em Belém. Eles nos receberam com espanto, pois conheciam, apenas, os parentes de **Tomé Açu, Paragominas e Capitão Poço**. Foi então que o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) também se aproximou. Depois disso disseram que o CIMI estava fazendo índio, criando indígena. Desde esse momento estamos com essa ação. Junto com os parentes mais novos, o Almir, o Alan e o Alex, enviamos documentos, entramos em contato com os parentes de Capitão Poço, Tomé Açu e Paragominas. Nos reunimos no Ministério Público, na presença do Márcio Meira, presidente da FUNAI, então ele disse: “... Se os parentes de vocês assinam embaixo, reconhecendo vocês como indígenas.” E foi isso que aconteceu. Nós fomos à Brasília, ele emitiu o documento, e nós fomos reconhecidos oficialmente. Mas para ter todos os direitos enquanto indígenas falta a regularização do território, da saúde, da educação. Eu espero que daqui pra frente as coisas possam melhorar.



TOMÉ AÇU, PARAGOMINAS E CAPITÃO POÇO

Nesses municípios, localizados no nordeste do estado do Pará, encontra-se a Reserva Alto Rio Guamá (RIARG), criada em 1945. Situada entre a margem esquerda do rio Guamá e margem direita do rio Gurupi, a RIARG foi destinada aos *Tembé*, *Timbira*, *Kaapor* e *Guajá*.

Para saber mais:
ALONSO, Sara. 1999.
A disputa pelo sangue: reflexões sobre a constituição da identidade e “unidade Tembé”. *Novos Cadernos NAEA* 2(2): 32-56.